

Sociedade



Operador de uma empresa de apostas online a acompanhar os jogos para atualizar em simultâneo o site

8972 jogadores pediram para ser impedidos de apostar online

Vício. A possibilidade de ganhar dinheiro com apostas online está a cativar cada vez mais pessoas. Tal como está a aumentar o número de viciados. Pedidos de autoexclusão são muito superiores aos dos casinos, que em 2015 foram de 533

CARLOS FERRO

Em oito meses, 8972 pessoas pediram para serem impedidas de apostar em sites online registados em Portugal. Isto num universo de 336 582 inscritas nas cinco empresas que já receberam do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRIJ) a licença para operar em território nacional. A primeira foi atribuída a 25 de maio do ano passado. Ou seja, em média, 37 jogadores pedem às empresas que cancelem as suas contas – podendo esse pedido ser temporário ou definitivo.

Os dados fornecidos ao DN pelo SRIJ mostram ainda que existe uma grande diferença de pedidos de exclusão quando se compara o jogo online com os casinos. Neste caso, juntando os três anos mais próximos em que há dados oficiais, o número de jogadores autoexcluídos foi de 1495, assim divididos: 2013 – 474 apostadores; 2014 – 488, e 2015 – 533.

Os dados agora conhecidos, de inscritos nos sites e de pedidos de impedimento, mostram, por um lado, o sucesso que estas plataformas estão a obter e, por outro, a

possibilidade de aumentarem o número de pessoas viciadas em apostas. Principalmente de jovens.

Tendência que já tinha sido destacada no relatório European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs (ESPAD), um estudo europeu junto de estudantes. Segundo o documento, e no caso dos jogos online, 20% dos alunos inquiridos admitiram esse vício – jogaram com regularidade (quatro ou mais dias em sete). A média europeia é de 23%. No entanto, quando questionados sobre as apostas em dinheiro, dos 23% que admitiram jogar através da internet só 3% dos europeus disseram que o faziam a dinheiro – no nosso país foram 25%. Frise-se, todavia, que, no caso de Portugal, a legalização do jogo só aconteceu no final de maio e o relatório foi divulgado em setembro, ou seja, com muito pouco tempo para uma análise a esse fenómeno.

Os smartphones e a moda

O número de jogadores registados e os pedidos de exclusão acabam por estar na linha da realidade que o Instituto de Apoio ao Jogador (IAJ) conhece.

Pedro Hubert, psicólogo no instituto que trabalha na área das

REGRAS

Sites explicam jogo responsável

• O jogo online ficou legalizado em Portugal a 29 de abril de 2015 com a publicação do Decreto-Lei 66/2015. Nesse documento estão as diretivas que as empresas que concorrem às licenças (neste momento foram atribuídas cinco pelo Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos, na dependência do Turismo de Portugal) têm de cumprir. E um dos pontos é o jogo responsável e a obrigatoriedade de os sites de apostas terem mecanismos de autoexclusão dos jogadores. Está assim previsto que uma pessoa possa pedir à casa de apostas que lhe seja negado o acesso ao site por um período mínimo de três meses. Devem ter ainda linhas de apoio e informação suficiente para que o jogador possa identificar se o seu comportamento online está em choque com uma política de jogo responsável.

dependências do jogo e autor da tese de doutoramento “Jogadores patológicos online e offline: caracterização e comparação”, lembrou em declarações ao DN que chegam ao instituto pedidos de ajuda – na maioria dos próprios jogadores, segundo Pedro Hubert – semanalmente. São jovens (“estão num estado de dependência pelos 30 anos”) e licenciados. “Têm capacidades que não existem noutras dependências”, reconhece. Alertando para o facto de este ser um vício “invisível”, “Passa despercebido até a pessoa ter problemas financeiros”, sublinhou.

Para uma pessoa se tornar um dependente do jogo online não é necessário muito tempo. “Entre o início do jogo a dinheiro e a dependência podem bastar três ou quatro anos. Pode ser mais rápido, dependendo do marketing, da moda”, acrescentou.

Aliás, a moda e os telefones são dois dos potenciadores do vício. “O póquer está na moda outra vez. E os jogadores podem apostar tanto no trabalho como no telefone quando regressam a casa”, adiantou. “Com os smartphones foi explosivo, tanto no póquer como nas

PERFIL DO VICIADO

• Na tese de doutoramento “Jogadores patológicos online e offline: caracterização e comparação”, o psicólogo Pedro Hubert fez o retrato das pessoas que fazem as suas apostas desportivas online.

• **Idade** Quem mais joga online ao ponto de ficar viciado são homens, com uma média de idades que ronda os 30 anos.

• **Formação** Na sua maioria têm formação académica, licenciados, empregos estáveis e de topo.

• **O que jogam** Motivados pelo facto de poderem apostar em qualquer altura (sete dias por semana, 24 horas por dia), estes jogadores escolhem o póquer e os resultados desportivos.

• **História** O jogador que aposta online tem uma relação com jogos e computadores que pode chegar, em média, aos 16 anos.

apostas desportivas. O facto de ter as aplicações no telemóvel faz que estejam sempre a ver os resultados, à procura de informações sobre os jogos.”

Pedro Hubert realçou ainda as quatro características que mostram que se pode estar no caminho de se tornar dependente deste tipo de jogo. “Perda de controlo, ou seja, gastar mais dinheiro e tempo do que se esperava; troca de prioridades, dar menos atenção à família e ao trabalho; síndrome de abstinência – se não puder jogar por não ter dinheiro ou internet, fica irritado e insuportável; síndrome de tolerância, vai aumentando a quantidade de tempo e dinheiro que joga.”

A justificação para esta dependência passa pela procura de “adrenalina e euforia”. A tentativa de ganhar dinheiro sem trabalhar também é um dos motivos para as horas que muitos jogadores passam nos sites de apostas. “E há a disponibilidade. Pode-se apostar 24 horas por dia, sete dias por semana”, lembrou Pedro Hubert.

A finalizar deixa um alerta: “O jogo em si não é um problema, há sim uma minoria de pessoas que tem esse problema.”